

## **XXIII Conferência Internacional de Lisboa**

### **Sessão temática**

### **Prioridades para a Acção Externa de Portugal**

### **África e Cooperação**

#### ***A especificidade do desenvolvimento enquanto mudança social***

Nuno Vaz . IPAD

Quando olhamos para o passado da reflexão sobre o Desenvolvimento, o acento tónico centra-se primordialmente no campo económico dadas as condições objectivamente insuficientes em que vive grande parte da população mundial, mas existe igualmente um corpo teórico de busca das causas desta situação, mas existe igualmente um corpo teórico de busca das causas desta situação, sendo que neste plano a reflexão passa a centrar-se, e permanece, no campo da sociedade, das mentalidades, das causas históricas, das raízes sociais dos problemas, e da ideia ainda prevalecente de que as sociedades dos países em desenvolvimento são intrinsecamente diferentes das sociedades dos doadores.

O conceito de Desenvolvimento centra-se numa ideia abstracta de agir sobre o meio que nos rodeia, por forma a tornar a realidade hoje, uma representação que temos do futuro. Ou seja, por intermédio de acções sobre a realidade existente no presente, pretendemos que o futuro chegue mais cedo. Esta interpretação do conceito de Desenvolvimento constitui, igualmente, a base filosófica onde assenta o conceito mais específico de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento, e de onde advém a sua legitimidade e razão de ser. Ao nível da acção que aspira a dar expressão prática a este desígnio, pretende-se que os seus objectivos sejam traçados através de uma participação alargada, inclusiva e global, por forma a que os seus benefícios sejam, efectivamente, endógenos, e que perdurem a longo-prazo. No entanto, a realidade mostra-nos que as acções realizadas em nome do denominado "Desenvolvimento" são na generalidade planeadas de forma empírica e pouco abrangente, calculadas no curto-prazo, e centradas no nível "projecto", ou seja, assentes no pressuposto de que uma soma de projectos é o caminho a seguir para se alcançar essa ideia abstracta de "Desenvolvimento". Para além de imediatista, esta abordagem do Desenvolvimento é inicialmente económica, e visa responder a dificuldades apenas dessa natureza, descurando outras vertentes tão ou mais importantes, como a sua vertente social.

Diversas correntes filosóficas tentaram, ao longo da história, tornar realidade uma representação ideal que previamente criaram do futuro, tendo-nos revelado que esse esforço é enorme e acarreta riscos. De entre essas correntes filosóficas destaca-se o marxismo, que tinha uma raiz económica, e perspectivava uma sociedade com reflexos na realidade concreta. Esta aplicação fracassou pelo facto de as acções que visavam a sua implementação não terem equacionado devidamente, no momento da sua formulação, as mudanças que se desenvolveriam ao nível das sociedades onde pretendiam incidir, enquanto reacção à introdução dessas transformações. O marxismo efectuou bem o diagnóstico, percebeu quais eram os problemas com que a humanidade se confrontava e teve o intuito de agir para ir ao encontro das suas necessidades. Mudar a sociedade é o objectivo das abordagens que pretendem antecipar o futuro, e o mesmo se poderá aplicar ao "Desenvolvimento". O Desenvolvimento tem que ir ao encontro do que as sociedades pretendem, tem que perceber cada sociedade onde vai incidir, uma vez que o seu impacto se vai verificar ao nível das transformações dessas sociedades – quer o pretendam programaticamente fazer, quer não – e

essas transformações atingem o nível social que é, por natureza, mais profundo que o nível económico.

De igual forma, quem se envolve inicialmente com a problemática do desenvolvimento, também tende a fazer essa abordagem empírica, centrada na dimensão económica do desenvolvimento, e estritamente diagnóstica. O recém chegado pretende saber melhor que ninguém, até mesmo melhor do que aqueles que, em todo o mundo, têm estudado e adquirido experiências concretas ao ter empregue toda a sua vida ao serviço do desenvolvimento, como agir. Considera, não importa qual seja o seu background ou experiência profissional anterior, que o desenvolvimento é uma área menor, simples, e pouco exigente, que aguardava a chegada do Messias, ou seja, que aguardava a sua chegada. Que bom seria que assim fosse; bom sobretudo para aqueles que necessitam do tão esperado "Desenvolvimento" para dar seguimento à mais básica das suas necessidades. Esta abordagem empírica é aquela que diagnostica, prospectiva, mas que cedo percebe que a acção e o sucesso não são tão simples de alcançar como inicialmente se pensava, e que o Desenvolvimento é uma problemática complexa e multidimensional. Estes são os que quando pressionados a apresentar resultados, se apressam a procurar refúgio no insucesso do desenvolvimento ao longo dos últimos 60 anos.

O Desenvolvimento não é uma ciência exacta, nem permite a utilização do método científico. O Desenvolvimento é algo que se aplica ao social, e que tem de reagir à própria reacção do social à acção realizada pelo Desenvolvimento, e tem, por isso, que se adaptar à sociedade onde a sua acção incide. Por conseguinte, é devido à existência cumulativa de duas vertentes – económica e social – presentes no conceito de desenvolvimento; das suas difíceis circunstâncias de aplicação; da sua metodologia própria, e de mecanismos particulares que utiliza, que o desenvolvimento é uma área específica do conhecimento, e é cada vez mais um campo autónomo do saber. É um campo de actuação com o seu próprio objecto. Para além disso, a sua especificidade revela-se pela criação e utilização dos seus próprios métodos de aprendizagem e de aplicação de lições apreendidas. Esta especificidade do Desenvolvimento requer, cada vez mais, não apenas formação específica de base, como também um cada vez maior rigor ao nível dos métodos de aplicação e de disseminação do conhecimento e, por isso, requer que os profissionais do desenvolvimento, os que lidam com questões técnicas e soluções práticas, mas sobretudo os que tomam decisões, sejam escolhidos pela sua competência, mérito e experiência. Falo da seriedade que é devida aos que precisam do desenvolvimento e o merecem, mas falo também da competência, transparência e do profissionalismo que todos nós – como contribuintes dos países doadores, e como beneficiários dos países destinatários de ajuda – merecemos, e temos o direito de ter.

O Desenvolvimento é uma área do saber específica – e porque não chamar-lhe uma ciência social como qualquer outra? – que lança mão de outras ciências sociais como a economia, a antropologia, a sociologia, a psicologia social ou de qualquer ciência social que considere necessária como contributo para o favorecimento da sua área de actuação. O Desenvolvimento necessita hoje de seriedade, e necessita sobretudo de ter a noção do impacto profundo que se efectua, quer queiramos quer não, ao nível da sociedade. No longo prazo, a vertente económica do desenvolvimento é menor do que a sua vertente social, e menor do que a mudança das sociedades onde se aplica. Este é, em última análise, o impacto do desenvolvimento no seu campo de actuação, ou seja, é o alcance da amplitude de efeitos ao nível da vertente social do desenvolvimento no longo prazo. Desenvolvimento é mudança social e não apenas uma progressão económica das sociedades. É preciso ter em consideração,

no presente, os efeitos ao nível social que se vão realizar no futuro. Cito um exemplo que se verifica ao nível micro, com a actuação dos doadores no abastecimento de água potável a comunidades remotas num país islâmico: a chegada de água à aldeia vai libertar a mulher da tarefa de ir buscar água a um local distante; liberta a mulher para a educação, o que favorece o empowerment da mulher ao nível do seu papel na sociedade, e aqui abre-se um horizonte de possibilidades de que é difícil perspectivar as consequências.

Também ao nível macro, a mudança social é uma dimensão positiva do desenvolvimento, e a condicionalidade da ajuda deve ser algo que deverá permanecer como uma das questões mais importantes da problemática do Desenvolvimento: democratização, boa-governança, direitos humanos; o papel da mulher na sociedade, para citar apenas alguns exemplos, são dimensões sociais que têm que ser tidas em conta durante esse processo. A mudança social associada ao desenvolvimento é inevitável, daí que tenha que ser tida em conta. O que se revela de crucial importância é que essas sociedades sejam livres, para que decidam livremente o seu destino, sem que nenhum poder despótico possa discricionariamente decidir pelas populações, e esse é um passo importante na direcção que o desenvolvimento deve patrocinar. Posteriormente o Desenvolvimento terá que absorver e adquirir essas opções tomadas livremente como as suas referências de impacto social.

Este é o mote para reflexão que gostaria de deixar para os próximos 25 anos. As várias dimensões do desenvolvimento – económica e social – bem como o seu objecto, método, e condições de aplicação, tornam o desenvolvimento uma ciência social específica, que requer profissionalismo e não necessita de amadores que se dedicam a inventar de novo a roda. O desenvolvimento tem intrínseco um inevitável impacto ao nível social a longo prazo, logo, torna-se um campo delicado que requer que antecipemos da melhor forma possível esses impactos, e que tracemos tão claramente quanto possível os objectivos e as consequências ao nível das sociedades onde se aplica. Assim é, dada a imprevisibilidade desses impactos, e devido à reacção à acção que o desenvolvimento pressupõe para transformar a sociedade. A aplicação de condicionalidade na atribuição de ajuda em favor de certos valores como a democratização, o respeito pelos direitos humanos, ou a boa-governança, tem em vista dar um contributo positivo à mudança social que o Desenvolvimento inevitavelmente incute.

Numa perspectiva de futuro, a comunidade internacional terá que centrar a sua forma de pensar o Desenvolvimento na inevitável dimensão social a longo prazo, sob pena de as gerações futuras nos atribuírem responsabilidades. A comunidade internacional deverá fazê-lo de maneira séria, de forma abrangente e inclusiva, aprendendo com vários contributos – do meio académico; da sociedade civil; dos profissionais do desenvolvimento – e o planeamento deverá incorporar a experiência dos vários doadores, de agências especializadas, ou mesmo contributos pessoais. Deverá, para além disso, aprender com os erros do passado e, sobretudo, deverá centrar a análise e a coerência da acção nos países destinatários de ajuda.